Alberto Moravia

OS
INDIFERENTES

tradução de
Álvaro de Almeida

LIVROS DO BRASIL

I

Carla entrou; trazia um vestidinho de fazenda castanha, de saia tão curta que bastou o movimento de fechar a porta para a fazer subir um bom palmo acima das frouxas dobras que as meias lhe faziam em redor das pernas; mas ela não deu por isso e adiantou-se com precaução, olhando misteriosamente em frente, preguiçosa e incerta; estava aceso um único candeeiro e iluminava os joelhos de Leo, sentado no sofá; uma obscuridade cinzenta envolvia o resto da sala.

— A mamã está a vestir-se — disse ela, aproximando-se — e desce daqui a pouco.

— Vamos esperá-la juntos — disse o homem, curvando-se para a frente. — Anda cá, Carla, senta-te aqui.

Carla, porém, não aceitou o oferecimento; de pé, junto à mesinha do candeeiro, de olhos voltados para o círculo de luz do quebra-luz em que os bibelôs e os outros objetos, diversamente dos seus companheiros mortos e inconsistentes, esparsos na sombra da sala, revelavam todas as suas cores e a sua solidez, experimentava com um dedo a cabeça móvel de uma porcelana chinesa: um burro muito carregado sobre o qual, entre dois cestos, estava sentado uma espécie de Buda campónio, um aldeão gordo, de barriga envolvida num quimono florido; a cabeça andava para cima e para baixo, e Carla, de olhos baixos, faces afogueadas, lábios apertados, parecia totalmente absorta nessa ocupação.

— Ficas para jantar connosco? — perguntou ela, finalmente, sem erguer a cabeça.

— Claro que sim — respondeu Leo, acendendo um cigarro. — Ou não queres que fique?

Curvado, sentado no sofá, observava a rapariga com uma atenção

ávida: barrigas das pernas tortas, ventre achatado, um pequeno vale de sombra entre os grandes seios, braços e ombros frágeis e aquela cabeça redonda, tão pesada sobre o pescoço delgado.

«Oh, que bela garota», e repetiu para consigo: «que bela garota». A lascívia adormecida durante aquela tarde despertava, o sangue subiu-lhe às faces, sentia vontade de gritar de desejo.

Ela deu mais um toque na cabeça do burro.

— Reparaste como a mamã estava nervosa hoje durante o chá? Todos olhavam para nós.

— Coisas dela — disse Leo; inclinou-se para a frente e, como se nada fosse, levantou-lhe a orla da saia.

— Sabes que tens umas belas pernas, Carla? — disse, voltando para ela uma cara estúpida e excitada, em que não conseguia abrir-se um falso sorriso de jovialidade; Carla, porém, não corou nem respondeu e, com um golpe seco, baixou o vestido.

— A mamã tem ciúmes por tua causa — disse, olhando-o. — Por isso nos faz a vida impossível a todos.

Leo fez um gesto que significava: «E que posso eu fazer quanto a isso?» Depois voltou a recostar-se no sofá e cruzou as pernas.

— Faz como eu — disse, friamente. — Logo que vejo que o temporal está para rebentar, não falo mais... Depois passa e acabou-se.

— Acabou-se, para ti — disse Carla, em voz baixa, e foi como se aquelas palavras do homem tivessem despertado nela uma raiva antiga e cega. — Para ti... mas para nós... para mim — prorrompeu, com os lábios a tremer e os olhos dilatados pela ira, apontando o próprio peito com um dedo —, para mim, que vivo aqui com ela, não acabou coisa nenhuma...

Um instante de silêncio.

— Se tu soubesses — continuou ela, naquela voz baixa em que o ressentimento marcava as palavras e lhes dava uma inflexão singular, como que estrangeira — como tudo isto é opressivo e miserável, e mesquinho, e que vida é esta, a de assistir todos os dias, todos os dias...

Da sombra que enchia a outra metade da sala, moveu-se a onda morta do rancor, deslizou sobre o peito de Carla e desapareceu, negra e sem

espuma; ela ficou de olhos dilatados, sem respiração, emudecida por aquela passagem do ódio.

Olharam-se. «Diabo!», pensava Leo, um pouco assombrado com tanta violência. «A coisa é séria!» Inclinou-se, estendeu-lhe a cigarrreira.

— Um cigarro — propôs, com simpatia; Carla aceitou, acendeu-o e, entre uma nuvem de fumo, aproximou-se dele mais um passo.

— E então — perguntou ele, olhando-a de baixo para cima — não podes mesmo mais? — Viu-a anuir um pouco embaraçada com o tom confidencial que o diálogo assumia. — Então — acrescentou — sabes o que é que se faz quando não se pode mais? Muda-se.

— É o que acabarei por fazer — disse ela, com uma decisão algo teatral; mas parecia-lhe declamar um papel falso e ridículo; era então aquele o homem para quem o declive da exasperação a estava a levar insensivelmente? Olhou-o: nem melhor nem pior do que os outros, antes melhor, sem dúvida nenhuma, mas tendo por si, a mais, o seu destino infalível, que esperara dez anos que ela se desenvolvesse e amadurecesse para agora a tentar, naquela noite, naquela sala escura.

— Muda — repetiu ele. — Vem viver comigo.

Ela abanou a cabeça:

— Estás doido...

— Mas sim! — Leo inclinou-se para a frente, agarrou-a pela saia. — Livramo-nos da tua mãe, mandamo-la para o diabo e terás tudo o que quiseres, Carla...

Puxava a saia, o olhar excitado ia daquela cara assustada e hesitante para a nesga de perna nua que se divisava acima da meia. «Levá-la para a minha casa», pensava, «possuí-la...» Faltava-lhe a respiração.

— Tudo o que quiseres... vestidos, muitos vestidos, viagens... Viajaremos juntos... É uma autêntica lástima que uma bela rapariga como tu seja tão sacrificada... Vem viver comigo, Carla...

— Mas tudo isso é impossível — disse ela, tentando inutilmente libertar o vestido daquelas mãos. — Há a mamã... É impossível.

— Livramo-nos dela... — repetiu Leo, agarrando-a, desta vez, pela cintura. — Mandamo-la àquela parte; já vai sendo tempo... e tu vens

viver comigo, não é verdade? Verás, a viver comigo, que sou o teu único amigo verdadeiro, o único que te compreende e que sabe o que queres. — Cingiu-a mais apertadamente apesar dos seus gestos assustados. «Estar na minha casa», pensava, e estas ideias rápidas eram como relâmpagos resplandecentes na tempestade da sua lascívia. «Então lhe farei ver o que ela quer.» Ergueu os olhos para aquele rosto perturbado e experimentou o desejo de lhe dizer, para a tranquilizar, uma meiguice qualquer: — Carla, meu amor...

Ela tornou a fazer o gesto vão de o repelir, mas ainda mais debilmente do que antes, pois que a vencia agora uma espécie de vontade resignada: porque recusar Leo? Tal virtude voltaria a lançá-la no aborrecimento e na repugnância mesquinha dos hábitos, e parecia-lhe, além disso, por via de um gosto fatalista por simetrias morais, que aquela aventura quase familiar era o único epílogo que a sua antiga vida merecia; depois, tudo seria novo, a vida e ela própria. Olhava a cara do homem, ali, estendida para a sua. «Acabar com aquilo», pensava, «arruinar tudo...», e virava a cara como quem se prepara para se atirar de cabeça para baixo no vácuo.

Em vez disso, porém, suplicou:

— Deixa-me — e voltou a tentar libertar-se; pensava vagamente em repelir primeiro Leo e ceder-lhe depois, não sabia porquê, talvez para ter tempo de considerar todo o risco que enfrentava, talvez por um resto de garridice; debateu-se em vão; a sua voz submissa, ansiosa e desanimada repetia apressadamente a súplica inútil: — Ficamos bons amigos, Leo, queres? Bons amigos como dantes. — Mas o vestido puxado descobria-lhe as pernas, e havia em toda a sua atitude renitente e nos gestos que fazia para se cobrir e se defender, e nos sons que lhe arrancavam os apertões libertinos do homem, uma vergonha, um pudor, uma desordem que nenhuma libertação poderia jamais abolir.

— Amicíssimos — repetia Leo, quase com alegria, e torcia nas mãos o vestido de lã —, amicíssimos, Carla... — Cerrava os dentes; todos os seus sentidos se exaltavam com a vizinhança daquele corpo desejado. «Finalmente, tenho-te», pensava, torcendo-se todo sobre o sofá para fazer lugar para a rapariga, e já ia fazer baixar aquela cabeça, ali, junto ao candeeiro,

quando, do fundo escuro da sala, o tinar da porta envidraçada o avisou de que alguém entrava.

Era a mãe; a transformação que a sua presença trouxe à atitude de Leo foi surpreendente: recostou-se de súbito nas costas do sofá, cruzou as pernas e olhou a rapariga com indiferença; levou até o fingimento ao ponto de dizer, no tom importante de quem conclui uma conversa começada:

— Acredita, Carla, não há outra coisa a fazer.

A mãe aproximou-se; não mudara de vestido mas penteara-se, e tinha-se empoado e pintado abundantemente; adiantou-se, da porta, no seu passo pouco firme, e, na sombra, a cara imóvel, de traços indecisos e de cores vivas, parecia uma máscara estúpida e patética.

— Fi-los esperar muito? — perguntou. — De que estavam a falar?

Leo indicou, com um gesto largo, Carla, direita, de pé no meio da sala:

— Estava exatamente a dizer à sua filha que esta noite não há outra coisa a fazer senão ficar em casa.

— Não há mesmo mais nada a fazer — aprovou a mãe, com bazófia e autoridade, sentando-se numa poltrona em frente do amante. — Ao cinema já hoje fomos, e nos teatros só estão coisas que já vimos... Não me desagradava ir ver *Seis personagens*, pela companhia de Pirandello... mas, francamente, como há de ser? ... É um espetáculo popular...

— De resto, asseguro-lhe que não perde nada — observou Leo.

— Não é tanto assim — protestou molemente a mãe. — Pirandello tem belas coisas... Como se chamava aquela comédia que vimos há pouco tempo? ... Espera... Ah, sim, *A Máscara e o Rosto*... Diverti-me tanto.

— Talvez seja assim... — disse Leo, recostando-se no sofá — mas eu aborreci-me mortalmente. — Enfiou os polegares nas algibeiras do colete e fitou primeiro a mãe e a seguir Carla.

Direita, atrás da poltrona da mãe, a rapariga recebeu aquele olhar inexpressivo e pesado como uma pancada, que fez ruir em pedaços o assombro dos seus olhos vidrados; reparou então, pela primeira vez, quão antiga, habitual e angustiosa era a cena que tinha diante dos olhos: a mãe e o amante sentados em atitude de conversa em frente um do outro, aquela sombra, aquele candeeiro, aquelas caras imóveis e estúpidas, e ela própria,

cortesmente apoiada às costas da poltrona, a ouvir e a falar. «A vida não muda», pensou, «não quer mudar.» Tinha vontade de gritar; baixou as mãos e torceu-as de encontro ao ventre, tão fortemente que os pulsos lhe ficaram doridos.

— Podemos ficar em casa — continuava a mãe —, tanto mais que temos todos os dias da semana tomados... Amanhã é aquele chá-dançante a favor da infância abandonada... depois de amanhã, o baile de máscaras no Grande Hotel... nos outros dias estamos convidados para aqui e para ali... E, Carla... vi hoje a senhora Ricci... Está tão envelhecida... Observei-a com atenção... tem duas rugas profundas que lhe partem dos olhos e lhe chegam à boca... e o cabelo já não se sabe de que cor é... Um horror!... — Torceu a boca e agitou as mãos no ar.

— Também não é assim um horror tão grande — disse Carla, adiantando-se e sentando-se junto do homem; punhia-a uma leve e dolorosa impaciência; previa que, por vias indiretas e tortuosas, a mãe chegaria a fazer por fim, como sempre, a sua pequena cena de ciúmes do amante; não sabia como e de que maneira, mas tinha tanta certeza dela como do sol que brilharia no dia seguinte e da noite que havia de seguir-se; e esta clarividência dava-lhe um sentimento de medo; não havia remédio, tudo era inamovível e dominado por uma fatalidade mesquinha.

— Disse-me um monte de tagarelices — continuou a mãe. — Disse-me que venderam o automóvel velho e que compraram um novo... um *Fiat*... «Sabe?», disse-me ela, «o meu marido tornou-se o braço direito de Paglioni, do Banco Nacional... Paglioni não pode passar sem ele, Paglioni indica-o como seu sócio mais provável.» Paglioni para aqui, Paglioni para acolá... Ignóbil!

— Ignóbil porquê? — observou Leo, contemplando a mulher por entre as pálpebras semicerradas. — Que há de ignóbil em tudo isso?

— Sabe — perguntou a mãe, fixando-o intensamente, como para convidá-lo a pesar bem as palavras — que Paglioni é o amante da Ricci?

— Toda a gente o sabe — disse Leo, e, pesadamente, os seus olhos preguiçosos pousaram-se em Carla, entontecida e resignada.

— E também sabe — insistiu Mariagrazia, destacando as sílabas

— que antes de conhecerem Paglioni os Ricci não tinham vintém... e agora têm automóvel?

Leo virou a cabeça.

— Ah, é por isso! — exclamou. — E que mal há nisso? ... Pobre gente, faz pela vida.

Foi como se tivessem deitado fogo a um rastilho cuidadosamente preparado.

— Ah, ele é isso? — disse a mãe, esbugalhando ironicamente os olhos. — Justifica uma desavergonhada, e nem sequer bela, um monte de ossos, que explora sem escrúpulos o amigo, fazendo-o pagar os automóveis e os vestidos, e ainda arranja maneira de empurrar para a frente aquele marido que não se sabe se é mais imbecil ou se é mais velhaco... São estes os seus princípios? Pois muito bem, mesmo muito bem! ... Então não há mais nada a dizer... tudo se explica... ao senhor agradam-lhe evidentemente mulheres daquelas...

«Aí está», pensou Carla; percorreu-lhe o corpo um ligeiro tremor de impaciência, semicerrou os olhos e voltou a cabeça para fugir àquela luz e àquelas conversas, na sombra.

Leo riu.

— Não, francamente não são essas as mulheres que me agradam. — Deitou uma olhadela rápida, cúpida, à rapariga ali a seu lado: peito farto, faces em flor, anatomia jovem. «Eis as mulheres que me agradam», era o que tinha vontade de gritar à amante.

— Diz isso agora — insistiu a mãe —, diz isso agora... mas quem desdenha quer comprar... E quando está ao pé dela, como no outro dia, por exemplo, na casa dos Sidoli, desfaz-se em amabilidades. Então diz-lhe uma quantidade de tolices... Ora deixe-se disso, eu conheço-o... Sabe o que o senhor é?... Um mentiroso...

«Aí está», repetiu Carla para consigo; aquela conversa podia continuar, mas reconheceu que a vida incorrigível e habitual não mudava; e isso bastava-lhe; ergueu-se.

— Vou vestir uma camisola e já volto. — E, sem se virar, sentindo os olhos de Leo colarem-se-lhe às costas como duas sanguessugas, saiu.

Encontrou Michele no corredor.

— O Leo está ali? — perguntou-lhe ele; Carla olhou o irmão.

— Está.

— Venho agora mesmo do administrador do Leo — continuou o rapaz, tranquilamente. — Soube um monte de coisas lindas... e, antes de tudo o mais, que estamos arruinados.

— Que quer isso dizer? — perguntou a rapariga, espantada.

— Quer dizer — explicou Michele — que temos de ceder a *villa* ao Leo, em pagamento daquela hipoteca, e irmo-nos embora sem um centavo, irmos para outro lado.

Entreolharam-se; um sorriso forçado, triste, passou pelo rosto do rapaz.

— Porque sorris? — perguntou ela. — Parece-te caso para sorrir?

— Porque sorrio? — repetiu ele. — Porque tudo isto me é indiferente... e até quase que me dá prazer.

— Não é verdade.

— Claro que é verdade — replicou ele, e, sem acrescentar palavra, deixando-a ali pasmada e vagamente assustada, entrou na sala.

A mãe e Leo ainda discutiam; Michele teve tempo de perceber um *tu* que se transformava em *senhor* à sua entrada, e sorriu com uma piedade desgostosa.

— Creio que são horas de jantar — disse ele à mãe, sem cumprimentar, sem sequer olhar o homem; mas a sua atitude fria não desconcertou Leo.

— Olha quem ele é! — exclamou, com a habitual jovialidade. — O nosso Michele!... Anda cá, Michele... há tanto tempo que não nos vemos.

— Há só dois dias — disse o rapaz, olhando-o fixamente; esforçava-se por parecer frio e vibrante, embora não se sentisse senão indiferente; desejaria acrescentar: «e quanto menos nos virmos, melhor é», ou algo semelhante, mas não teve prontidão nem sinceridade para isso.

— E dois dias parecem-te nada?! — exclamou Leo. — Pode fazer-se tanta coisa em dois dias. — Inclinou a ampla cara triunfal à luz do candeeiro: — Ena, ena, que lindo fato que tens... quem to fez?

Era um fato de fazenda azulada, de bom corte mas muito usado, que Leo devia ter-lhe visto pelo menos cem vezes; mas, tocado por este ataque direto à sua vaidade, Michele esqueceu num único instante todos os seus propósitos de ódio e de frieza.

— Achas? — perguntou, sem esconder um meio sorriso de complacência. — É um fato velho ... há tanto tempo que o uso. Foi o Nino que mo fez, sabes? — Rodou instintivamente para mostrar as costas ao homem e, com as mãos, puxou as abas do casaco de forma a que aderisse ao tronco; viu a sua imagem no espelho de Veneza pendurado na parede em frente; o corte era perfeito, não havia dúvida quanto a isso, mas pareceu-lhe que a sua atitude estava cheia de uma estupidez ridícula e fixa, semelhante à dos manequins bem vestidos, expostos com a etiqueta do preço ao peito, nas montras das lojas; uma leve inquietação serpenteou nos seus pensamentos.

— É bom ... realmente bom. — Curvando-se, Leo apalpava agora a fazenda; depois endireitou-se. — O nosso Michele é um bom rapaz — disse, dando-lhe palmadinhas num braço. — Sempre irrepreensível, não faz mais nada senão divertir-se e não tem pensamentos de espécie alguma. — Então, pelo tom daquelas palavras e pelo sorriso que as acompanhava, Michele compreendeu demasiado tarde ter sido astutamente lisonjeado e definitivamente troçado; onde estavam a indignação, o ressentimento que imaginara experimentar na presença do seu inimigo? Algures, no limbo das suas intenções; odiosamente embaraçado pela sua atitude vã, olhou para a mãe.

— Foi pena que não tivesses ido hoje connosco — disse ela. — Vimos um filme magnífico.

— Ah, sim? — disse o rapaz. Depois, voltando-se para o homem, com a voz mais seca e mais vibrante que pôde: — Estive com o teu administrador, Leo...

Mas o outro interrompeu-o com um gesto seco:

— Agora não ... Já percebi ... Falamos disso depois ... depois do jantar ... Cada coisa a seu tempo.

— Como quiseres — disse o rapaz, com instintiva brandura, e, de súbito, apercebeu-se de ter sido dominado pela segunda vez. «Devia ter dito: imediatamente», pensou, «fosse quem fosse, teria feito assim,

imediatamente, e discutir, talvez injuriar.» Tinha vontade de gritar de raiva; vaidade e indiferença: no decurso de poucos minutos, Leo soubera fazê-lo cair em ambos aqueles abismos. Os dois, a mãe e o amante, haviam-se levantado.

— Estou com apetite — dizia Leo, abotoando o casaco. — E que apetite... — A mulher ria; Michele seguiu-os maquinalmente. «Mas depois do jantar», pensava, tentando de balde pôr azedume nestas suas ideias quase distraídas, «não se vai sair tão bem.»

Pararam à porta.

— Faz favor — disse Leo, e a mãe saiu; ficaram um em frente do outro, o homem e o rapaz, e olharam-se. — Passa, passa! — insistiu Leo, cerimoniosíssimo, pousando-lhe a mão no ombro. — Cedamos o lugar ao dono da casa... — E com um gesto paternal, com um sorriso tão amigável que parecia de troça, empurrou suavemente o rapaz.

«O dono da casa», pensava ele, sem sombra de cólera. «Boa piada... o dono da casa és tu.» Mas não disse nada e saiu para o corredor atrás da mãe.